



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



## O DISCURSO DO INDIVÍDUO E SUAS LÍNGUAS NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO: O PORTUGUÊS FRENTE ÀS LÍNGUAS ESPANHOLA E GUARANI

Márcio Palácios de CARVALHO (PGLETRAS-UEMS/CAPES)<sup>1</sup>  
Elza Sabino da Silva BUENO (UEMS/FUNDECT)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo incide sobre uma escola pública do município de Bela Vista no Estado de Mato Grosso do Sul, localizada a poucos metros da linha demarcatória internacional entre o Brasil Paraguai, a escola atende uma clientela bastante diversificada. Do total de alunos da instituição cerca de 40% vivem na cidade paraguaia de *Bella Vista Norte* e atravessam a fronteira para estudar no lado brasileiro. Com isso, há na comunidade escolar a presença de três idiomas, a saber: o português, o espanhol e o guarani. No entanto, devido à imposição da língua portuguesa como língua majoritária a torna mais valorizada, os falantes trilingües veem na língua prestigiada uma possibilidade de acessão social, com isso passam a rejeitar suas línguas maternas. A partir de entrevistas realizadas *in loco* com alunos do 6º ano, o texto analisa a omissão das línguas espanhola e guarani frente à língua portuguesa. Com os resultados obtidos concluiu que a valorização do português tanto pela escola como pelos meios de comunicação, naquele espaço fronteiriço, favorece o apagamento das línguas espanhola e guarani no ambiente escolar. Como aporte teórico trabalhou-se com pesquisadores que estudam o português em contextos de fronteiriços como: Chaves (1987), Pereira (1999), Sturza (2009), Dalinghaus (2009) entre outros.

**Palavras-chave:** Discurso, línguas e fronteira.

**RESUMEN:** Este artículo aborda una escuela pública en la ciudad de Bela Vista en el estado de Mato Grosso do Sul, Ubicada a pocos metros de la línea divisoria internacional entre Brasil Paraguay, la escuela atiende a una clientela muy diversa. Del total de estudiantes de la institución cerca de 40% viven en la ciudad paraguaya de *Bella Vista Norte* y cruzan la frontera para estudiar en el lado brasileño. Por lo tanto, existe en la comunidad escolar la presencia de tres idiomas, a saber, portugués, español y guaraní. Sin embargo, debido a la imposición de la lengua portuguesa como el idioma de la mayoría se vuelve más valioso, los hablantes trilingües ven en la lengua valorada una posibilidad de adhesión social con eso, pasan a rechazar sus lenguas maternas. A partir de entrevistas realizadas *in loco* con estudiantes del 6º grado, el trabajo analiza la omisión de las lenguas española y guaraní delante la lengua portuguesa. Con los resultados obtenido concluye que la apreciación del portugués, tanto el la escuela como en los medios de comunicación, en aquel espacio fronterizo, favorece la eliminación de las leguas española y guaraní en el ámbito escolar. Como aporte teórico se trabajó con investigadores que estudian el portugués en contextos fronterizos como: chaves (1987), Pereira (1999), Sturza (2009), Dalinghaus (2009) entre otros.

<sup>1</sup> Graduado em Letras habilitação Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. (Dourados). Mestrando em Letras pela mesma instituição, na Unidade Universitária de Campo Grande – MS, bolsista da CAPES

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela UNESP/ASSIS - Docente da Graduação e da Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. Pesquisadora da FUNDECT



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



**Palabras clave:** discurso, idiomas y fronteras.

## **Introdução**

O espaço geográfico em que este texto incide é uma escola municipal situada na região Centro-Oeste do Brasil, a sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai. A facilidade de acesso à cidade de *Bella Vista Norte-PY* torna o espaço, uma zona de interpretação. O ir e vir das pessoas de ambas as nações fazem com que ocorra um entrelaçamento de culturas, línguas e costumes.

E sendo a escola um ambiente que recebe indivíduos que são frutos desse meio, precisa adequar suas práticas de ensino para melhor atender essa diversidade sócio-linguística e cultural. Nesse sentido, este texto se propõe a analisar o indivíduo que possui como a língua materna o espanhol e/ou o guarani e se vê diante de situação em que tem que utilizar a língua portuguesa durante as aulas.

A motivação para discorrer sobre tal assunto surgiu durante o trabalho de pesquisa de campo para a coleta de dados linguísticos de uma pesquisa de Mestrado realizada na localidade de Bela Vista-MS, em visita à escola o pesquisador percebeu que quando os pais deixavam ou buscavam seus filhos, utilizavam ora o espanhol ora o guarani, essa segunda língua com uma frequência maior.

O mesmo acontecia durante os momentos de intervalo, quando havia grupos de alunos que falavam guarani e/ou espanhol, enquanto outros falavam português. Quando o pesquisador tentava se aproximar dos alunos que falavam a língua guarani, sempre ocorria uma inquietação e logo a conversa era interrompida.

Diante dessa situação, ficou evidente a falta de investigação de cunho científico sobre como se evidencia o falar nas fronteiras do Estado de MS com o Paraguai, principalmente sobre as línguas em contato que são faladas dentro das *escolas de fronteira*<sup>3</sup>, para melhor entender como se manifesta a linguagem em ambientes fronteiriços e compreender como os indivíduos sentem-se frente a uma língua majoritária, no caso a língua portuguesa.

## **O contexto sociolinguístico de uso das línguas em contato**

---

<sup>3</sup>Neste texto optou-se em manter a escola em anonimato. Portanto, a escola será referida pelo termo escola de fronteira. Ressalta, ainda, que o texto não tem pretensão de fazer julgamentos sobre a qualidade de ensino na escola pesquisada, ele apenas descreve uma situação onde mais de uma língua divide o mesmo espaço.



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



## A escola pesquisada

O funcionamento da escola de fronteira teve início no ano de 1975, nesse período, a escola era ministrada por um grupo de freiras vinculadas à Igreja Católica e funcionavam apenas as séries iniciais. A oficialização da escola como estabelecimento de ensino se deu através do Decreto Municipal Nº 02/76 de, 05 de fevereiro de 1976. A partir de então a escola passou a ser administrada pela Prefeitura do Município de Bela Vista-MS.

Segundo os registros históricos da instituição, no ano de 2007, houve uma reforma na escola deixando o ambiente mais adequado ao ensino aprendizagem, fato que despertou o interesse dos pais em matricular seus filhos nesta escola, o que levou a um aumento significativo no número de alunos, que passou de 265 para 585 oficialmente matriculados.

Hoje a escola atende em dois turnos; matutino e vespertino oferecendo Educação Infantil e Ensino Fundamental. Possui 43 (quarenta e três) funcionários e 520 (quinhentos e vinte) alunos matriculados. Sua estrutura física é composta 09 (nove) salas de aula, uma biblioteca, uma sala de tecnologia, um refeitório e um espaço ao ar livre destinado às aulas de educação física. A escola dispõe ainda de um profissional de área de psicologia que atende os alunos que necessitem desse tipo de serviço.

A principal característica da *escola de fronteira* é a vasta diversidade linguístico-cultural. Dos alunos que estudam na escola cerca de 40% residem no Paraguai e atravessam a fronteira para frequentar as aulas no lado brasileiro. Essa expressiva porcentagem é justificada pela proximidade da escola com a cidade paraguaia de *Bella Vista Norte*. Além disso, alguns pais paraguaios acreditam que a educação escolar oferecida no lado brasileiro possui uma qualidade superior em relação ao ensino ofertado no Paraguai, quando os filhos dos paraguaios alcançam a idade de ir para escola a preferência é pelo ensino brasileiro.

De acordo com registro do PPP - Projeto Político Pedagógico da escola, quando ingressam na escola com quatro ou cinco anos de idade, os paraguaios não falam nem entendem o português, para eles o português é uma língua estrangeira, aprendida na escola e que passa ser a língua majoritária; depois essa língua passa ser de uso exclusivo no ambiente escolar. As línguas espanhola e guarani são mais usadas nos encontros familiares e entre amigos.



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



## **A comunidade de Bela Vista – MS**

Conhecida como princesa do Apa, Bela Vista possui uma população de 23.181 habitantes e tem como principal fonte de renda a pecuária bovina que representa 80% da economia, segundo dados de IBGE de 2010.

A cidade faz divisa com Miranda ao Norte, ao Sul com o território paraguaio pelos rios Estrela e Apa, a leste com o município de Ponta Porã, a oeste com os municípios de Porto Murtinho e Miranda, pelos rios Perdido e Prata (MELO E SILVA, 2003).

De acordo com Campestrini (2011) houve um processo de povoamento na região onde se encontra a referida cidade cinco anos após o fim da guerra da Tríplice Aliança (1864 -1870), com o movimento de carretas e de gente de outras regiões brasileiras e de outros países, impulsionado pelo crescimento e fortalecimento da Companhia Matte Laranjeira.

Tal processo de repovoamento da região contribuiu para a diversidade sócio-linguística e cultural, uma vez que a população da cidade de Bela Vista é constituída por imigrantes europeus, japoneses, negros que vieram como escravos para o Brasil, por ex-combatentes brasileiros que permaneceram no local após o fim da Guerra, por migrantes sulistas atraídos pelo baixo valor das terras e pelo comércio da Erva-mate, por paraguaios e índios da tribo guaicuru tanto aqueles que se fixaram no território depois da demarcação que estabeleceu os limites entre Brasil e Paraguai, como aqueles que passaram a viver na cidade em busca de melhores condições de vida.

Com essa formação, a comunidade Belavistense se caracteriza por uma forte miscigenação, em que já na linguagem é possível observar marcas linguísticas que indicam a origem de seus habitantes, são expressões típicas de outras localidades que foram incorporadas ao linguajar local, por exemplo, o vocábulo “guri” usado corriqueiramente pelos habitantes e a expressão exclamativa “Bah” expressões típicas da região Sul do Brasil.

Outra forte influência no português falado na cidade é a presença das línguas espanhola e guarani. Segundo a pesquisadora Belavistense Souza (2009) a cidade de Bela vista contém infinitamente mais elementos do



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



espanhol e do guarani falados em *Bella Vista Norte*-PY do que ao contrário. A esse respeito, autora (*op. cit.*) acrescenta que:

[...] enquanto além da fronteira se mantém o espanhol e o guarani, com fidelidade, do lado de cá, a herança linguística dos paraguaios foi sendo fortemente incorporada pelos brasileiros. O verbo *sampar* (do espanhol *zampar*), cujo sentido é arremessar, atirar com força, é de uso corrente na fronteira de Bela Vista: o belavistense *sampa* uma pedra ou um tapa. Nessa cidade não existe tempestades, mas tormentas e a sala de jantar é o comedor. É comum se ouvir expressões do tipo, a cobra picou pra ele, significando que a cobra o picou. E as expressões e gírias do dia a dia são ditas sempre em guarani, como *carai* (no lugar de “seu” fulano) e *cunhãporã* (no lugar de moça bonita), por exemplo, (p.126-127).

A escola onde ocorreu a coleta do material linguístico que compôs o *corpus* da pesquisa não está isenta da influência das línguas faladas no Paraguai e nem há como se isentar, já que as línguas faladas nascem da necessidade de comunicação entre os indivíduos pertencentes ao mesmo grupo ou que dividem o mesmo espaço territorial.

Ao adentrar a escola de fronteira é impossível deixar de notar as peculiaridades presentes no ambiente escolar. Quando não estão sendo observados, os alunos e os pais usam a linguagem de forma espontânea seja em português, espanhol ou em guarani, há casos em que há uma mescla de duas ou mais línguas em situações reais de comunicação.

Durante a pesquisa de campo, o pesquisador, sentado num banco no pátio da escola, escuta as mães dos alunos iniciando uma frase em espanhol e em seguida a mesclam com o guarani, ao tentar puxar conversa com as mães em espanhol perguntando se os filhos delas gostavam de estudar naquela escola, a resposta era sempre dada em português.

Por meio desses episódios, de conversas entre as mães dos alunos e o pesquisador, nota-se que na comunidade escolar, são faladas pelo menos três línguas distintas, no entanto, diante de uma pessoa que não faz parte daquele espaço fronteiriço, o idioma de referência para a comunicação é o português. Vejamos no item a seguir o que falam os estudiosos sobre o contato linguístico entre diferentes línguas em região de fronteira.

### **Alguns estudos acerca das línguas em contato em contextos fronteiriços**



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



Apesar de haver, na região pesquisada, duas comunidades diferentes; Bela Vista-MS/BR e *Bella Vista Norte-PY*, cada uma com suas línguas oficiais, o português, no caso do Brasil, e as línguas espanhola e guarani, no Paraguai. Nesse espaço fronteiriço há um entrelaçamento de culturas pela forte interação entre as duas comunidades, com costumes e tradições tão distintas.

Nesse sentido Sturza (2006) defende que a fronteira não só significa uma relação espacial, com demarcações que indicam os limites entre dois países, mas sim um habitat característico da fronteira que é definida por si própria como um espaço de contato, um espaço em que se tocam culturas, etnias, línguas e nações distintas.

No Estado de Mato Grosso do Sul, o contato entre brasileiros e paraguaios ao longo das fronteiras é tão forte que em alguns pontos cria uma identificação própria originária dessa integração, é o caso do termo *Brasiguai*, ser *Brasiguai* para um morador de fronteira significa pertencer a esses “dois mundos” é conviver diariamente com culturas e línguas diferentes, em outras palavras, é como se os moradores desses espaços fronteiriços dissessem “Não sou do Paraguai nem do Brasil, sou *Brasiguai*, sou da fronteira”.

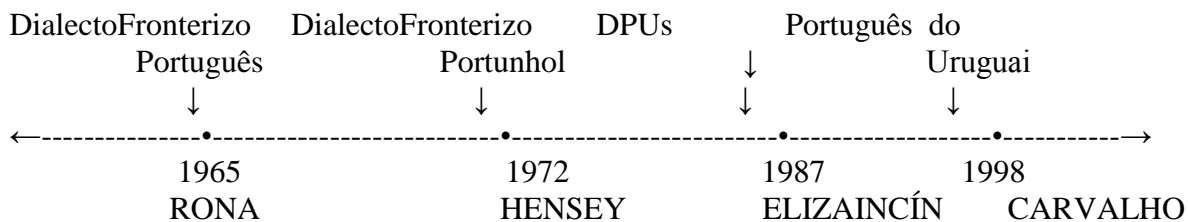
Ao estudar a fronteira entre as cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero Dalinghaus (2009) dizem quem não sabe falar o português nem espanhol, arrisca o *portunhol*, uma mescla do português com o espanhol ou o *jopará*, conhecido como uma mescla do espanhol com o guarani. Ressaltamos que, nessas interações, o importante é que aconteça a comunicação, que os indivíduos se façam compreender pelos outros e vice-versa.

O contato das línguas portuguesa, espanhola e guarani faz surgir alguns dialetos como o *Jopará* e o *portunhol*, que, por sua vez, não são línguas do Estado nem do imigrante. Mas sim formas de expressão que se origina da necessidade da comunicação entre os povos que habitam a fronteira, nascem das rodas de *tereré*, dos encontros entre amigos, namoros, das conversas cotidianas. Por esse motivo, muitas vezes, definir com exatidão o uso desses dialetos é difícil, já que se trata de uma comunicação não normatizada, seu uso acontece conforme a situação conversacional, ou a situação de necessidades reais de uso da língua.

Em relação às línguas em contato linguístico, Sturza (2006) comenta que quem inaugurou os estudos em regiões de fronteira no Brasil foi José Pedro Rona que estudou o “*Dialecto Fronterizo en el Norte del Uruguay*” obra publicada em 1965 que representa a fundação de uma discursividade sobre a língua

portuguesa e sobre os dialetos de base portuguesa no Uruguai. Esse estudo é pioneiro, pois traz a primeira reflexão sobre o cruzamento das línguas portuguesa e espanhola nas fronteiras do Brasil com o Uruguai.

A partir do trabalho de Rona iniciaram-se, no Sul do Brasil, vários estudos sobre o contato entre o português e o espanhol. A título de exemplificação citam-se os estudos de Hensey (1972), logo os de Elizaincín, Behares & Barrios (1987) e, por último, o de Carvalho (1998). Esses trabalhos tomaram designações que tratam do fenômeno do cruzamento das línguas na fronteira Brasil-Uruguai: “Dialecto Fronterizo”; “Portunhol”; “Dialectos Portugueses delUruguay – DPUs”.(STURZA, 2006, p.115). Veja o esquema a seguir:



(STURZA, 2006, p. 116)

Na fronteira Brasil Paraguai, mais precisamente na cidade fronteiriça de Bela vista, o trabalho científico realizado por Chaves (1987) é um marco na investigação sobre a influência do espanhol no português no Estado de Mato Grosso do Sul, seguindo os pressupostos da sociolinguística quantitativa, Chaves estudou a inversão da ordem Verbo/Sujeito no português belavistense. Os resultados da pesquisa revelaram que os verbos intransitivos são os mais frequentes, vindo depois os verbos de ligação e, por último, os transitivos são os mais propensos na inversão na ordem Sujeito Verbo. Observe alguns exemplos coletados por Chaves (1987 p.51):

Foi lá pra jardim, **trabalhou** lá o **marido**.

**Pertinho** fica minha **casa**.

Minha planta **comeu** tudo **a formiga**.

A polca é uma música linda que **gosta** o **brasileiro**.

Chaves (1987 p.51)

Por meio dos dados coletados por Chaves (1987) e Souza (2009), nota-se que na cidade de Bela Vista, a língua portuguesa sofre interferência das línguas espanhola e guarani. Cita-se aqui, mais uma vez que as influências linguísticas na cidade de Bela Vista são decorrentes de fatores históricos e pela motivação da própria necessidade de comunicação diária entre as duas comunidades; Bela Vista e Bella Vista Norte que estão separadas a poucos metros uma da outra e são ligadas apenas por meio de uma ponte, que separa os limites territoriais, porém não os linguísticos e culturais.

O português fronteiriço de Mato Grosso do Sul já foi retratado por outros estudiosos de fora da área da linguagem, abordando, às vezes, uma visão um tanto preconceituosa da linguagem falada na cidade de Bela Vista, por exemplo, Melo e Silva (2003, p.83) comenta que há inúmeros brasileiros que empregam empieçar, enfermar, aquilar, cambiar, acostar, enojar, serventa, marchante, sombrero, etc. – ao invés de começar, adoecer, alugar, mudar ou trocar, deitar, enraivecer, criado, freguês e chapéu.

Sem levar em conta o contexto de produção da linguagem e os acontecimentos históricos, Melo e Silva<sup>4</sup>, na época juiz de direito, defende um Português isento de influências de outras línguas e as vê como uma perigosa ameaça à língua portuguesa e à nação brasileira.

Ao comentar sobre a visão que alguns governantes tinham e ainda tem sobre um país monolíngue, Cavalcanti (1999, p. 397) argumenta que no Brasil:

A maioria da população brasileira é vista como monolíngue essa visão é extremamente eficaz para imagem do estado ideal natural longe do “perigo” de qualquer condição temporariamente proveniente de situações de bilinguismo e multilinguismo.

Como o sistema escolar é mantido pelos órgãos governamentais, algumas vezes, acaba contribuindo, mesmo sem ter a intenção, para o fortalecimento da noção de uma língua única falada em todo território nacional, através de um ensino que toma como ponto de partida uma realidade que não condiz com a localidade, e os alunos que das regiões de fronteiras acabam sendo vistos como se pertencessem a uma monocultura e como sujeitos monolíngues, com isso eles próprios também passam a valorizar mais a cultura imposta do que a(s) cultura(s) presente(s) no meio onde estão inseridos.

---

<sup>4</sup> O livro de MELO E SILVA, José de. *Fronteiras guaranis* foi publicado pela primeira vez no ano 1939, quando o autor era juiz de direito nas cidades de Bela Vista e Ponta Porã. No ano de 2003 foi atualizado e reimpresso pelo IHGMS - Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.





EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



Ao perguntar aos alunos se além do Português eles falavam outro(s) idioma(s) a maioria respondia que não, que só falavam português, nesse ponto eles mesmos entravam em contradição, pois uma das perguntas feitas durante a entrevista era sobre a localidade e muitos respondiam que moravam no Paraguai, alguns ainda, diziam que moravam “en Paraguai”, nota-se claramente a influência da estrutura da língua espanhola na fala do aluno-entrevistado.

Em relação a essa negação, Pereira (1999) comenta que a valorização aliada ao prestígio e a imposição da língua majoritária fazem com que o falante negue a sua própria língua materna, por considerá-la inferior frente à língua majoritária dos indivíduos que possuem certo prestígio na escala social. A nosso ver isto é um tanto “perigoso”, pois ao negar a sua própria língua, em detrimento da língua do outro, o falante acaba por negar também a sua cultura e a sua identidade. Porém, essa questão de perda de identidade é outro assunto e ser tratado em estudos futuros por este pesquisador.

A falta de planejamento linguístico, que coloque o indivíduo fronteiriço em foco no processo de ensino aprendizagem faz com que os falantes que possuem uma segunda ou terceira língua passem a rejeitá-las, pois com as línguas minoritárias eles não visualizam formas de acesso à vida comercial ou profissional, restringindo o uso das línguas minoritárias apenas aos ambientes familiares, onde não sofrem preconceitos linguísticos.

### **Discussão acerca do indivíduo e suas línguas**

Apresentados resumidamente alguns trabalhos sobre a língua portuguesa em situação de contato linguístico-cultural nas fronteiras do Rio Grande do Sul com o Uruguai e no Estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Nesta seção serão apresentadas e discutida algumas interferências encontradas na fala de alunos que frequentam a escola de fronteira na cidade de Bela Vista/Br, assim como o comportamento dos mesmos frente à(s) sua(s) língua(s) materna(s) e a língua portuguesa exclusivamente privilegiada na escola durante todo processo de educação escolar.

Sabe-se que em todo espaço geográfico onde duas ou mais línguas dividem o mesmo espaço sempre haverá uma língua que vai sobressair em relação às demais. A valorização uma de determinada língua está

intrinsecamente relacionada ao prestígio econômico que ela exerce. Quanto mais falantes socioeconomicamente favorecidos uma língua tiver mais prestigiada ela será, as línguas menos favorecidas ficam reduzidas a determinados ambientes, ou a determinados grupos isolados dos grandes centros urbanos e socioeconomicamente desenvolvidos.

No entanto, as interferências de uma língua sobre a outra são inevitáveis em qualquer situação de contato linguístico, mesmo se o falante recusar em admitir que domine mais de um idioma, existirão influências linguísticas que poderão ser notadas, seja no plano lexical, morfológico ou sintático.

As amostras coletadas na escola durante a pesquisa de campo revelaram as trocas culturais entre os dois países. Observe a transcrição de alguns trechos selecionados em que se nota a influência do espanhol no português falado:

- a) INF: “apareceu u::: lobo i::: **preguntó** pra ela” (LRM-F-12-6°).
- b) INF: “Ê tudo.... **mi** família que tá lá” (RCI-M-13-6°)
- c) INF: “ Aladim ajudô a princesa iscapa ::: escapa di::: um mercador em ((enfardo)) qui perseguia qui::: **enamorado de la princesa**”(AF-M-13-6°)
- d) INF: “Ê::: eu môro com minha **tía**.. la **en Paraguai** i::: estudo aqui **en Brasil** i::: trabalho também aqui”(AC-F-16-9°)
- e) INF “A gente faiz chipa no **barbacuá**” (ALM-M-14-9°)
- f) INQ: você tem algum **apelido**?  
INF: Como assim **apelido**?  
INQ: **apelido**...qui é igual a **apodo** em espanhol  
INF: Sim é::: me chamam **dicoreáno**” (AG-M-11-6°)

Durante o trabalho de campo ocorreram inúmeros casos onde se verifica a presença do espanhol e do guarani na fala dos alunos da escola, no entanto, devido à extensão de um artigo optou-se por limitar a sete exemplos, seis trechos são os citados acima e o sétimo será apresentado logo em seguida.



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



Nas transcrições dos trechos (a), (b) e (c) têm-se a interferência da língua espanhola no português falado pelos alunos que moram no Paraguai e vem ao Brasil todos os dias para estudar. Na frase (a) além da utilização do verbo em espanhol **preguntar** ao invés de **perguntar**, ocorre inversão da Ordem Verbo Sujeito, a informante começou a frase utilizando os verbos **aparecer** e **perguntar**, como já havia constatado Chaves (1987) que há essa tendência de inversão da ordem SV no falar em Bela Vista.

No fragmento (b) o informante utilizou o pronome possessivo **mi** família do espanhol ao invés de **minha** família. Já no fragmento (c) a informante tentou dizer no fragmento ‘**um mercador em ((enfardo))**’ que o dono do estabelecimento estava com raiva do personagem Aladim, porém usou a expressão **enfardo** que se aproxima mais ao vocábulo **enfadarse** do espanhol, logo em seguida utilizou a língua espanhola para expressar ‘**enamorado de la princesa**’ para dizer que o Aladim estava **apaixonado pela princesa**.

Continuando com os fragmentos (g), (h) e (i) têm-se diferentes situações, em (g) apresenta uma interferência na estrutura da língua portuguesa, pois quem mora, mora **no** Paraguai ou **no** Brasil. Ao dizer **em** Paraguai e **em** Brasil a informante usa a estrutura da língua espanhola na língua portuguesa. Em (g) apresenta um vocábulo característico daquela região fronteira **barbacuá**, segundo os populares da região esse termo significa **formo de barro** e vem da língua guarani. No fragmento (h) ocorre uma incompreensão ao perguntar se o informante possuía algum apelido o pesquisador queria saber se além do nome, o entrevistado possuía um ‘**codinome**’, ou seja, um segundo nome que normalmente é dado pelos amigos e parentes como uma forma carinhosa de chamar a pessoa além do nome, o informante só foi compreender a pergunta quando o pesquisador percebeu que o informante não havia compreendido então, o pesquisador traduziu **apelido** que é **apodo** em espanhol, assim a comunicação foi restabelecida.

Diante desses exemplos, fica constatado que além do português há outros idiomas, no caso o espanhol e o guarani sendo usados em um mesmo contexto linguístico de comunicação. Contudo, mesmo morando ou sendo filhos de paraguaios, em vários casos durante as entrevistas, ocorreu a negação da própria língua materna. Muitos alegam que só falam a língua portuguesa e não conhecem outros idiomas, em algumas situações diante do desconforto dos informantes o pesquisador fazia outra pergunta sobre o cotidiano, para não deixá-los constrangidos.

Os resultados dos dados linguísticos coletados juntos aos alunos de escola de fronteira vêm ao encontro da tese de Pereira (1999) ao dizer que a supervalorização aliada à falta de planejamento linguístico faz com que os indivíduos neguem sua língua materna, essa negação na localidade estudada é consequência da apresentação exclusiva do português nas modalidades escrita e falada pelos profissionais envolvidos no processo de educação em que as línguas espanhola e guarani são utilizadas em ambientes não monitorados, isto é, são reservadas aos momentos informais, no seio familiar.

Segundo os próprios professores, os alunos paraguaios enfrentam problemas, quando mudam ou terminam o ensino naquela escola e vão morar em outras regiões adentro do Paraguai, porque passam a ter dificuldades com o espanhol escrito, já que, durante a escolarização no Brasil, tiveram contato somente com o português oral e escrito.

Diferente dos trechos citados anteriormente. Os fragmentos a seguir mostram uma situação em que o informante se deixou levar pela emoção do momento e recontou uma história em guarani.

- g) INF: eh::dexa vê esqueci tem muitô....eh tinha um elefente ...é:: e tinha um pe di arвори é ela fazia todo dia o mesmo calô ((ba´)) ta quente mesmo aí só tinha:::formiga assim né todo dia ele ia lá i sentava em cima da fomîga eli nun via né... aí um dia as fumiga revolveru é subi na arвори i espera u elefante vim deita di novo aí êlis vieru o elefenti deitô lá aí elis pularu tudim aí o elefenati começô a si sacudi ai elis tava’sî balançando muito derrubô metade das fômiga dele aí ficô um poco espindurado no pesçoço deli aí us otros gritaru enforca eli! enforca eli! ((risos)).
- h) INQ: Você consegue conta uma em espanhol I outraim guarani?
- i) INF: Em espanhol naum. Guarani eu consigo mas eu tenhu vergonha
- j) INQ: Mas podi contâ só ta eu e você aqui?
- k) INF: ta bom é assim Oĩ peteĩ elefante ha latahýi kuéra, há peteĩ yvyrá mata, hakú terú upépe. Há la elefante cada día ohóoñenó láureyrá mata guy pe. Peteĩ dia’pe ohó játahýi kuéra oyupí la ureyra mata pe, há la elefante oho’ove oñenó oyupipaité ese la tahýi kuéra ha la elefante oyety



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



vyró ha omombá paité la tahýi kuéra'pe ha oputá peteĩ la iyay uérare, heí chupe la otro kuéra,  
¡eyuvy chupe! ¡eyuvy chupe!

No começo da entrevista houve certa resistência por parte do informante. Essa barreira só foi quebrada porque o pesquisador estabeleceu uma amizade no decorrer do trabalho de campo e isso ajudou na aproximação, assim aos poucos o informante se sentiu à vontade para utilizar uma língua que normalmente só a utiliza no seu país ou quando está com seus amigos mais próximos.

Vale ressaltar que as barreiras existentes entre pesquisador e pesquisado durante as pesquisa de campo devem ser quebradas para que se obtenha a fala espontânea, objeto de estudo da sociolinguística, fato que vai ao encontro dos postulados pelo linguista Fernando Tarallo (2007) ao salientar que o pesquisador deve proporcionar, no momento da entrevista *in loco*, um clima de cordialidade para que o informante sinta-se à vontade e deixe seu lado emocional vir à tona e passando a relatar suas experiências e vivências, são as chamadas narrativas de experiências pessoais.

Em geral, os alunos que frequentam a escola pesquisada não se sentem à vontade para conversar com pessoas que não pertencem àquela localidade fronteiriça, durante as aulas há predomínio da língua portuguesa.

### **Considerações finais**

Tomando por base os autores citados e os exemplos coletados da fala de alunos da escola municipal de Bela Vista, o texto procurou mostrar como se manifestam as línguas em contato numa escola de região fronteiriça entre Brasil e Paraguai.

Apesar de haver três línguas que praticamente dividem o mesmo espaço, cada uma tem o seu momento específico para ser usada, assim o português é considerado a língua majoritária e é usada oficialmente durante as aulas, enquanto as línguas espanhola e guarani ficam restringidas aos momentos de intervalos, quando os alunos não estão sendo monitorados. Normalmente, quando tem que falar com uma pessoa



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



desconhecida em espanhol ou guarani, os alunos se sentem inseguros e acabam respondendo em português ao invés de usar suas línguas maternas.

Como em várias escolas públicas do Brasil essa também tem seus problemas, no entanto aqui as feridas se tornam mais visíveis porque não há, na instituição pesquisada, a elaboração de um planejamento que contemple a diversidade sócio-linguística e cultural, uma vez que os alunos são multilíngues na oralidade, mas na língua escrita só domina o português que é a língua oficial de todo o território brasileiro, isso compromete o futuro desses alunos que quando retornam ao seu país de origem apresentam dificuldades no uso de sua língua materna, isto é, do espanhol na modalidade escrita.

Além disso, a apresentação e a valorização de apenas uma língua num espaço multicultural reforçam a ideia de que há somente uma língua tem legitimidade para ser utilizada, assim os estabelecimentos de ensino, em espaços fronteiriços, perdem a oportunidade de dar uma contribuição mais sólida para a formação do indivíduo multilíngue.

Ao omitir o conhecimento e o estudo das línguas que são faladas nas regiões de fronteira, o ensino cria condições para que haja aumento do desinteresse pelo aprendizado, e é uma realidade de está muito distante do cotidiano dos alunos que moram e vivem nesses ambientes, o que gera uma insegurança linguística, já que a variedade utilizada por eles, está longe de ser a variedade que a escola quer que ele domine. Ao mesmo tempo, numa forma de tentar obter a língua prestigiada pela escola, muitos alunos que moram no Paraguai passem a rejeitar o espanhol e o guarani, que são suas línguas maternas.

Enfim, este texto não tem a pretensão de solucionar todos os problemas relacionados a regiões de contato linguístico, através dos autores citados e dos exemplos explicitados pretende indicar possíveis caminhos que amenizem esses problemas e um deles é estudar as demais línguas que são faladas na instituição.

## Referências

- CAMPESTRINI, H. **História de Mato Grosso do Sul**. 7º ed. Revista e Ampliada. IHGMS – Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, 2011.
- CAVALCANTI, M.C. **Estudos sobre a educação bilíngue e escolarização em minorias linguísticas do Brasil**. DELTA, Vol.15, 1999 p. 384-417.



EDIÇÃO 16 – 2º SEMESTRE DE 2013  
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/09/2013  
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/10/2013



CHAVES, A. S. **A ordem VS no português da fronteira.** Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1987.

DALINGHAUS, I. V. **Alunos Brasiguaios em escola de fronteira Brasil/Paraguaião:** um estudo linguístico sobre aprendizagem do português em Ponta Porã, MS, (Dissertação de Mestrado em Letras) UNIOESTE, Cascavel, 2009.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia Estatística**, 2010 <http://www.ibge.gov.br/cidades> acesso em 16.10.2012.

MELO & SILVA, J. de. **Fronteiras Guaranis.** 2ª edição IHGMS - Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2003. Atualizado por Hildebrando Campestrini.

PEREIRA, M. C. **Naquela comunidade rural, os alunos falam “Alemão” e “ Brasileiro” na escola as crianças aprendem o português. Um estudo do *continuum* oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada.** (Tese de Doutorado em Linguística Aplicada) Unicamp, Campinas, 1999.

SOUZA A. A. A. de. O balaio do bugre Serejo: História, memória e linguagem. In: **Patrimônio e Memória.** UNESP – FCLAs – CEDAP, v5, n.2 p123-141- dez. 2009.

STURZA, E. R. **Línguas de fronteira e política de línguas: uma história das ideias linguísticas.** Unicamp, Campinas, 2006 (Tese de Doutorado).

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2007.